



Práticas plurais em uma educação antirracista: um olhar sobre os quadrinhos

Confinada

Matheus dos Santos Martins¹

Introdução

As perspectivas históricas que relegam o negro à submissão são problemáticas para a formação crítica dos educandos. Ainda é comum observar que a história das comunidades afro-brasileiras é, muitas vezes, resumida à história da escravização colonial no Brasil, bem como as ferramentas teóricas de abordagem estão sujeitas ao pensamento eurocêntrico. Estes pedregulhos metodológicos contribuem para o distanciamento da meta traçada pela Lei 10639/2003.

No entanto, outra problemática tem manifestação recorrente nas salas de aula do cenário nacional. Anteriormente a esta determinação, o currículo de história abordava a cultura afro-brasileira e africana na perspectiva do negro escravo, submisso ao senhor de engenho – aspecto que hoje ainda é identificado em currículos escolares e materiais didáticos (GEVHER; DE ALVES; 2016, p. 18).

Estas tensões se traduzem no que é conhecido por colonialidade. Este termo exemplifica o resultado de uma imposição do poder e da dominação colonial que consegue atingir as estruturas subjetivas de um povo, penetrando na sua concepção de sujeito e se estendendo para a sociedade de tal maneira que, mesmo após o término do domínio colonial, as suas amarras ainda persistem (GOMES, 2020, p. 227).

Por outro lado, Nilma Lino Gomes estabelece um importante parâmetro de discussão o qual pode possibilitar a superação destes obstáculos através de um processo de descolonização. Portanto, a compreensão de que existe uma perspectiva negra decolonial brasileira significa reconhecer negras e negros como sujeitos e seus movimentos por emancipação como produtores de conhecimentos válidos que não somente podem tensionar

¹ Atualmente é bolsista FAPEG-GO a nível de mestrado e mestrando em Ensino de História (ProfHistória) pela Universidade Federal de Goiás (UFG), campus Samambaia, Goiânia-GO. Licenciado em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Nordeste, Formosa-GO. Contato: matheus_santos2@discente.ufg.br





o cânone, mas também o indagam e trazem outras perspectivas e interpretações (Idem, p. 235). Estas lições reivindicadas pela autora são capazes de desencadear uma outra possibilidade de aferição do ensino de História e Cultura Afro-brasileira.

***Confinada* e as relações de raça, classe e gênero**

Observadas as pluralidades de fontes para o Ensino de História e a urgência de espaços para discussão da realidade do negro enquanto sujeito histórico ativo, a proposição do uso de fontes diversificadas das tradicionais se faz pertinente para este campo. É no sentido de trabalhar com histórias em quadrinhos que as tiras da coletânea *Confinada* se inserem e apresentam-se como importante documento histórico para compreensão da dualidade de efeitos da pandemia para os grupos marginalizados e o escancarar dos privilégios da branquitude neste mesmo cenário pandêmico.

Confinada é uma série em quadrinhos elaborada por Leandro Assis e Triscila Oliveira e publicada durante a pandemia do Covid-19, em 2020. A série retrata as desigualdades sociais e as diferenças de confinamento a partir da observação da relação entre patroa (Fran) e empregada (Ju). As publicações foram feitas pelo perfil de Instagram de @leandro_assis_ilustra desde 11 de abril de 2020, as quais têm um grande alcance em virtude da gratuidade do acesso ao perfil do autor² e da recorrência das redes sociais na vida cotidiana. Também se tornou livro físico após o convite da editora Todavia para publicação das histórias em quadrinhos³.

Outrossim, a coletânea proporciona importantes reflexões sobre a relação entre trabalho doméstico, escravidão e desigualdade social, partindo das relações de raça, classe e gênero. A obra foi constituída sob ótica progressista de Triscila Oliveira, atual ciberativista feminista antirracista e estudante autodidata das pautas de gênero, raça e classe. Também já foi empregada doméstica e municiou-se de experiências pessoais para a produção da obra. Já Leandro Assis, cartunista desde 2019 e formado em comunicação social pela PUC-RJ,

² Trata-se de uma gratuidade no que diz respeito ao acesso às tiras pelo Instagram. Em um cenário tão desigual, as dificuldades de acesso à internet ainda são latentes na sociedade brasileira e a própria pandemia de Covid-19 as confirmaram.

³ Cf. ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. *Confinada*. 1. Ed. São Paulo: Todavia, 2021.





cria e publica histórias em quadrinhos em sua conta no Instagram.

A trama se desenvolve em torno de duas personagens, Fran Clement e Juliana Pereira. Fran é uma influenciadora com milhões de seguidores, a qual aproveita a pandemia de Covid-19 como uma oportunidade para engajar seus seguidores com sugestão de marcas e produtos. O roteiro escancara as diferentes realidades sociais, sobretudo sob a ótica de suas funcionárias Dinah, Ju e Marli - três trabalhadoras domésticas, dentre as quais, após o anúncio do estado de calamidade pública, apenas Ju aceita passar a quarentena com a patroa em nome do sustento de sua família.

Em diversas oportunidades os cartunistas evidenciam uma série de discussões as quais surgiram em virtude dos diferentes cenários enfrentados pelas classes sociais mais pobres, e evidentemente, mais afetadas neste contexto. Caracterizam-se assim os preconceitos de raça e classe a partir da perspectiva de Fran:



Figura 1, 2 e 3: Fran, enquanto divulgava produtos em seus stories, por descuido ou não, tornou possível a aparição de Fran ao fundo. Ao ser criticada por não ter dispensado a funcionária durante a quarentena, se justifica evidenciando uma falsa solidariedade à realidade periférica. Neste quadro fica evidente que Fran se aproveita da situação de vulnerabilidade social de Ju para se autopromover em sua rede social. Fonte: Capítulo 10 de Confinada.

Por outro lado, Juliana Pereira é uma mulher negra, moradora da favela da Rocinha, a qual se submeteu ao aceite da proposta de sua patroa para possibilitar a manutenção da vida familiar cujos membros dependem de seu sustento, como sua mãe e seus filhos. Recorrentemente, os autores evidenciam situações corriqueiras que são suficientes para expor os casos de racismo enfrentados pelos personagens negros inseridos na trama:





Figura 4, 5 e 6: Ao passear ao ar livre em um dia de folga, Juliana é surpreendida por um agente de segurança pública após ser acusada de furtar uma máquina fotográfica no capítulo 19.

Em outra ocasião, após contrair Covid desrespeitando os protocolos de segurança, o sogro de Fran teve de ser entubado. A sequência de quadros expõe a despedida gravada pelo personagem em questão, correlacionando as falas da vítima prestes a ser entubada e apresentando um contraponto contradizendo aquilo que era dito pela personagem:



Figura 7, 8 e 9: As cenas retratadas pertencem ao capítulo 51 da obra. O personagem em questão foi contaminado após receber visitas em sua residência durante a pandemia. No entanto, o destaque está relacionado às posturas racistas cometidas em vida. A cena introdutória apresenta o repugnante abuso sexual cometido contra a empregada doméstica a qual trabalhava em sua residência.

Evidenciando contrapontos entre as múltiplas realidades nas quais os personagens estão inseridos, a trama de *Confinada* se desenvolve ao evidenciar contradições nos discursos da elite e possibilitar um olhar crítico às mazelas sociais vividas pela periferia. Em que pese a temática central da obra estar relacionada ao racismo, os autores também tiveram a oportunidade de ilustrar através dos quadrinhos outros temas relevantes, tais como as diversas espécies de negacionismo científico e a correlação histórica entre a escravização e o trabalho doméstico.

Por conseguinte, a trama se encerra a partir de um evento-chave. Ju decide pegar o





celular da patroa e utilizar o alcance publicitário em seu favor, denunciando as situações de racismo sofridas por ela e escancarar a realidade de Fran enquanto herdeira de uma família milionária de ascendência francesa. Após a denúncia realizada por Ju e sua subsequente demissão, o vídeo produzido pela ex-empregada doméstica ganha um alcance sequer imaginado por Juliana. Desta forma, recebeu a oportunidade de produzir conteúdo digital apoiada por uma rede de pessoas pretas e periféricas, as quais engajam seu público-alvo a partir de discussões antirracistas e em prol dos grupos LGBTQ+.

A sequência de cenas abaixo destaca o desabafo de Juliana:



Figura 10, 11 e 12: Após a demissão de Ju e seu desabafo por meio da rede social da patroa Fran, Ju consegue uma oportunidade de trabalhar como criadora de conteúdo em uma rede de pessoas pretas de periferia, LGBTQ+ no Capítulo 59.

Ademais, a obra consolidou-se com um impacto gigantesco por meio do grande alcance possibilitado pelo Instagram, especialmente pela gratuidade do acesso e pela possibilidade de compartilhamentos dos próprios capítulos pelos leitores, possibilitando uma rede de alcance muito maior que as tradicionais publicações. Enquanto Fran, influenciadora digital assina contrato de publicidade e promove dicas de saúde física e mental durante a pandemia, Ju faz o trabalho de três pessoas e vive seu próprio confinamento após ser coagida pela patroa.

Considerações finais

Por conseguinte, *Confinada* se constitui como um importante documento que propicia a discussão das relações de raça e classe no ambiente escolar, sobretudo tratando de temáticas que circundam a contemporaneidade, tendo em vista que no campo educacional é necessário estar atento às mudanças e continuidades exigidas pela sociedade. Estar aberta





às transformações faz da escola a principal mediadora da formação crítica do educando, propiciando caminhos para implementação de novas abordagens.

Neste percurso, a militância do movimento negro e das demais parcelas da sociedade fomentaram discussões acerca da formação escolar no Brasil. Desta forma, promulgou-se a Lei nº 10639/2003, a qual altera a Lei de Diretrizes e Bases. Em seu artigo 26-A, a LDB estabelece:

Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003)

Apesar de a lei estabelecer um parâmetro de aplicação pertinente a todas as disciplinas da rede básica, a disciplina História se caracteriza como eixo estratégico para nortear a efetivação prática do ensino de História e Cultura e Afro-Brasileira. Neste processo, a escola se constitui enquanto espaço de luta antirracista e, desta forma, uma das possibilidades de atuação é na elaboração do currículo e do material didático.

O estabelecimento deste campo de participação ativa do professor acarretará efeitos na formação de sujeitos e na vida prática cotidiana dos educandos. Para Silva:

As narrativas contidas nos currículos explícita ou implicitamente corporificam noções particulares sobre conhecimento, formas de organização da sociedade, sobre os diferentes grupos sociais, sobre a sexualidade. Essas narrativas são potentes. Elas dizem qual conhecimento é legítimo e qual é ilegítimo, quais formas de conhecer são válidas e quais não o são, o que é certo, o que é errado, o que é moral, o que é imoral, o que é bom e o que é mau, o que é belo e o que é feio, quais vozes são autorizadas a falar e quais não o são. São silenciadas. (1995, p. 136)

Por conseguinte, em virtude das alterações promovidas pela lei supracitada, observa-se um claro exemplo de ação afirmativa em prol da construção de uma sociedade justa e igualitária para as pessoas negras. No entanto, a implementação de um documento legal deve estar aliado às práticas docentes emancipatórias, condizentes com o objetivo central da lei: a luta contra o silenciamento das comunidades afro-brasileiras na sala de aula.





Desta forma, trabalhar com *Confinada* poderá possibilitar um olhar para a alteridade que tenha por objetivo a aplicação prática das mudanças exigidas pela Lei 10639/2003. Isto é, a utilização da obra em sala de aula auxilia no destaque de cenários que conceituam situações cotidianas evidenciadoras do preconceito de raça, sobretudo proporciona formas de combater este tipo de situação. Os diálogos e as cenas expostas não se tratam de casos isolados. A análise da vida social da personagem Juliana é uma estratégia tanto para a consolidação de sujeitos ativos na luta antirracista quanto na formação de educandos (as) comprometidos com as relações de gênero e classe nas diferentes camadas da sociedade.

Referências

ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. *Confinada*. 1. Ed. São Paulo: Todavia, 2021.

GEVEHR, D. L., & DE ALVES, D. Educação étnico-racial na escola: a lei 10639/2003 e os desafios da interdisciplinaridade para além das aulas de História. *Ágora*, n. 18, v. 2, p. 17-30, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.17058/agora.v18i2.8294>>

GOMES, Nilma Lino. “O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, J; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

